

**A REIFICAÇÃO DA
MULHER E A OFENSIVA
CONSERVADORA NO
BRASIL ATUAL**

THE REIFICATION OF WOMEN
AND THE CONSERVATIVE
OFFENSIVE IN BRAZIL TODAY

LA REIFICACIÓN DE LAS MUJERES
Y LA OFENSIVA CONSERVADORA
EN EL BRASIL ACTUAL

**João Nunes da Silva¹
Enza Rafaela Peixoto Ferreira²**

RESUMO

O artigo ora apresentado se propõe a refletir sobre a categoria da reificação nos sujeitos femininos diante de um cenário de ofensiva conservadora e sexista que emerge no atual momento brasileiro. Buscando apresentar ao leitor como o paradigma capitalista de produção se sustenta e se move em um complexo de relações que envolvem dominação de uma classe sobre outra e dentro dessa divisão de classe a divisão sexual do trabalho que determina um jugo intensificado de exploração e dominação às mulheres. Fazendo, assim, uma conexão entre marcadores de classe-raça-gênero. A reflexão e construção teórica desse artigo perseguem a trilha materialista e dialética da história, pautada no Feminismo Marxista.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil. Conservadorismo. Mulher. Reificação.

¹ Doutor em Comunicação e cultura contemporâneas, Mestre em Sociologia e professor da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Professor do Mestrado Acadêmico em Serviço Social na UFT em Miracema – TO e do Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e transferência de Tecnologia para Inovação – PROFNIT- UFT.

² Mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal do Tocantins - UFT

ABSTRACT

The article now presented aims to reflect on the category of reification in female subjects in the face of a scenario of conservative and sexist offensive that emerges in the current Brazilian moment. It seeks to present to the reader how the capitalist production paradigm is sustained and moves in a complex of relationships that involve domination of one class over another and within that class division the sexual division of labor that determines an intensified yoke of exploitation and domination of women. Thus, it makes a connection between class-race-gender markers. The reflection and theoretical construction of this article pursues the materialist and dialectic path of history, based on Marxist Feminism.

KEYWORDS: Brazil. Conservatism. Woman. Reification.

RESUMEN

El artículo ahora presentado tiene como objetivo reflexionar sobre la categoría de reificación en sujetos femeninos frente a un escenario de ofensiva conservadora y sexista que emerge en el momento brasileño actual. Tratando de presentar al lector cómo el paradigma de producción capitalista se sostiene y se mueve en un complejo de relaciones que implican el dominio de una clase sobre otra y dentro de esa división de la clase, la división sexual del trabajo que determina un yugo intensificado de explotación y dominación de las mujeres Y así hacer una conexión entre los marcadores de clase-raza-género. La reflexión y la construcción teórica de este artículo persigue el camino materialista y dialéctico de la historia, basado en el feminismo marxista. .

PALABRAS CLAVE : Brasil Conservadurismo Mujer Reificación.

1-INTRODUÇÃO

O capital carrega no seu âmago antagonismos diversos, os quais assomam através da alienação que atravessa todo o seu processo de existência. Isso ocorre devido a marca de opressão imposta por esse sistema em sua relação social de classes, em que a classe detentora dos meios de produção impõe a classe que possui como barganha, apenas, sua força de trabalho, o jugo da exploração. Sendo essa exploração eivada de estruturas de poder que têm, histórica e dialeticamente, determinado a classe trabalhadora um lócus de subjugação.

Marx nos Manuscritos econômico-filosóficos conceitua que “o capital é o poder de governo sobre o trabalho e os produtos” (2010, p.40), sendo a figura do capitalista o possuidor desse poder, não por portar qualidades sociais ou humanas para isso, mas por ser ele o proprietário do capital, mais precisamente, por ser este no âmbito da divisão social o detentor dos meios de produção, da propriedade privada.

Na densa análise realizada por Marx acerca da sociedade capitalista o autor expõe categorias centrais e imprescindíveis para uma compreensão histórica e dialética dessa sociabilidade. Entre elas, estão: a alienação³, ideologia⁴,

³No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e – além de, e através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). Assim concebida, a alienação é sempre alienação de si próprio ou autoalienação, isto é, alienação do homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade). E a alienação de si mesmo não é apenas uma entre outras formas de alienação, mas a sua própria essência e estrutura básica. Por outro lado, a “autoalienação” ou alienação de si mesmo não é apenas um conceito (descritivo), mas também um apelo em favor de uma modificação revolucionária do mundo (desalienação).

⁴ “O termo ideologia está “inseparavelmente ligado à necessidade [da] [...] consciência justificar determinada relação de dominação, e, portanto, de velamento, inversão e naturalização de relações sociais que marcam o domínio de uma classe sobre outra” (IASI, apud CISNE, 2018, p. 50)”.

fetichismo, reificação e etc. Sendo reificação objeto do presente texto, - obviamente, sabendo que todas as demais estão imbricadas no que compõe o método de análise marxista – a proposta fita pautar os reflexos da sua ação nos sujeitos femininos da classe trabalhadora com intensificação a partir da ascensão conservadora que vem ganhando força atualmente na cena brasileira.

O breve percurso analítico se propõe a, primeiramente, elucidar como a categoria reificação reverbera enquanto coisificação do humano a partir das relações fetichizadas e alienadoras com as quais o sistema ideologicamente opera, sua utilização como instrumental do capital para dominação, com ênfase a particularidade social brasileira, posto que, embora o modo de vida do capital seja parte de uma totalidade, os seus reflexos se dão de formas variadas na dialética que estrutura os territórios historicamente.

Seguindo essa trilha reflexiva, a reificação será tomada não só pelo seu caráter totalizante na classe dominada, mas, em específico pelo seguimento social feminino, em que pesa à figura da mulher níveis de exploração e opressão singulares. Aqui, assoma a questão da estrutura ideológica dominante do patriarcado, o sexismo e o racismo estruturantes da desigualdade no Brasil, país que ainda não superou sua lógica colonial e escravagista, para tanto, basta verificar o índice de desenvolvimento humano⁵ da população racializada que põe por terra o que Carneiro (2011) argumenta enquanto “mito da democracia racial” que faz parte de um contrato ideológico.

Outra questão de relevo a ser apresentada diz respeito à categoria trabalho que na presente análise abrange tanto sua perspectiva produtiva quanto

⁵Para uma análise mais rica de determinações sobre o assunto, ver artigo de Sueli Carneiro, 2011 do livro: Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.

reprodutiva, esta, situada de outro modo, é também tratada como trabalho doméstico e do cuidado, juízo este afeito aos estudos de autoras como Silvia Federici (2017), Cinzia Arruzza (2019), Tithi Bhattacharya (2019), Nancy Fraser (2019), Mirla Cisne (2018), entre outras. Com esse aporte teórico se lança à aproximação da dinâmica da reificação em sua intensa fetichização no segmento feminino pertencente à classe trabalhadora.

Assim, se pretende chegar à cena atual de ascensão conservadora no Brasil como mola propulsora que implica o agravamento do sexismo. Nesse ponto serão abordadas questões como a investida conservadora: que descamba através da política; do viés religioso/sexista que ganha força, inclusive, dentro do panorama político por meio de bancadas representativas no legislativo; movimentos sociais eivados de ideologia alienadora e alimentados pela mídia; a retomada de valores moralistas que clamam a família tradicional em oposição aos novos formatos de família que são ricos de diversidade como é o caso do reconhecimento dos sujeitos LGBTQI+; dentre tantas outras questões urgentes de pauta.

Por fim, um apanhado analítico que possibilite apontar um caminho que desvele a aparência fenomênica da trama social que envolve o segmento mulher imersa a lógica capitalista dentro das particularidades pertencentes a dialética materialista.

2- CATEGORIA REIFICAÇÃO

Iamamoto e Carvalho (1996, p. 30) analisam que “o capital é uma relação social”, em outros termos, esse modo de produção se materializa através de uma dinâmica histórica onde o gênero humano se produz e reproduz através de relações sociais determinadas pelas condições materiais presentes, sendo sua

estrutura baseada na divisão de classes sociais que, para Marx (2017, p. 947) se dividem em:

Os proprietários de mera força de trabalho, os proprietários de capital e os proprietários fundiários, que têm no salário, no lucro e na renda da terra suas respectivas fontes de rendimento, isto é, os assalariados, os capitalistas e os proprietários fundiários, formam as três grandes classes da sociedade[...]no modo de produção capitalista.

Esse modelo de sociabilidade para Saffioti (2013) tem como alimento a opressão dos sujeitos uns pelos outros, isso dentro dessa segmentação de classes, gerando um regime alienador que captura para além do seu corpo sua subjetividade. Isso ocorre, uma vez que os meios de produção se concentram nas mãos de uma minoria em detrimento da grande massa de trabalhadores como analisou Huberman:

Os que não são donos dos meios de produção só podem ganhar a vida empregando-se – por salários – aos que são donos. É evidente que o trabalhador não se vende ao capitalista (isso faria dele um escravo), mas vende a única mercadoria que possui – sua capacidade de trabalhar, sua força de trabalho (2014, p.175).

E, nessa trama a classe que vive do trabalho, tendo neste seu único meio de sobrevivência e na sua força de trabalho sua única mercadoria⁶ de barganha – sendo esta a órbita de gravitação que dá ação aos processos de funcionamento – sofre com esse dinamismo a subjugação da força de trabalho a artifícios intensos de exploração num tipo de relação fetichizada e estranhada da própria humanidade e consciência. Essa dinâmica que reverbera em uma relação invertida e alheia de humanidade foi posta a compreensão pela categoria marxista da reificação.

Essa, como categoria crítica essencial no processo de análise histórico-dialética, presente na leitura de O Capital em específico na parte que trata acerca

⁶ “A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenha do estômago ou da fantasia (NETTO, 2012, p. 316)”.

do caráter fetichista da mercadoria e seu segredo, fita a reflexão a partir de como se tecem as relações sociais no cerne da ordem burguesa e como esta transmuda tais relações humanas em “forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 2017, p.147), ou seja, remonta ao seu modo mistificador, em que o capital que é consubstanciado por formas de antagonismos diversos, os quais são convertidos em relações que passam por processos de inversão ligados ao modo de produção e reprodução do capital que age na coisificação humana, conquanto os objetos ganham vida independente de seus agentes produtores.

De tal modo, Marx põe luz a maneira com que esse fetiche, essa mística do capital se realiza:

Os objetos de uso só se tornam mercadorias porque são produtos de trabalhos privados realizados independentemente uns dos outros. O conjunto desses trabalhos privados constitui o trabalho social total. Como os produtores só travam contato social mediante a troca de seus produtos do trabalho, os caracteres especificamente sociais de seus trabalhos privados aparecem apenas no âmbito dessa troca. Ou, dito de outro modo, os trabalhos privados só atuam efetivamente como elos do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, também entre os produtores. A estes últimos, as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como aquilo que elas são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas como relações reificadas entre relações sociais entre coisas (MARX, 2017, p. 148).

Utilizada como instrumento de dominação pelo capital ela age diretamente na consciência dos sujeitos, isso ocorre por um veio ideológico que põe véu a realidade transformando opressão numa aparente proposta de desenvolvimento e liberdade, determinando que “o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz [...]. O trabalho não é, por isso, a satisfação de um carência, mas somente um *meio* para satisfazer necessidades fora dele (MARX, 2010, p. 80-83)”. A resultante desse estranhamento é o aviltamento da condição humana.

Essa falta de escrúpulo inerente ao capital incorre na dilaceração do essencial a dignidade e potência humanas, é a barbárie em grau tamanho de fetiche que aliena homens e mulheres da possibilidade de “encontrar “a autêntica realidade” do homem concreto por trás da realidade reificada da cultura dominante, de desvendar o autêntico objeto histórico sob as estratificações das convenções fixadas (KOSIK, 1976, p.25)”. Os seres humanos se perdem, assim, do que lhes compõem enquanto ser social.

Posta essa breve reflexão acerca dessa categoria, é salutar trazer o sujeito feminino, dentro de uma perspectiva de classe e raça para possível aproximação dos reflexos tanto gerais como particulares da reificação da mulher tendo como foco o recorte da cena brasileira recente denominada por Keller (2019) de “ofensiva do conservadorismo”.

3- OS IMPACTOS DA REIFICAÇÃO NA CONDIÇÃO DA MULHER

Como categoria legitimadora de opressão, a reificação perpassa as relações de classe desaguando nos sujeitos pertencentes à classe trabalhadora, todavia, sendo a mulher objeto da análise posta, é necessário demarcá-la nessa trama, assim, situando os pontos de agudização desse processo nesse sujeito.

Localizar a mulher enquanto figura histórica na sociabilidade capitalista demanda compreensão do seu *modus operandi*, tanto no que se refere ao início do seu estágio de acumulação, quanto ao surgimento da família nos moldes burguês, com a propagação do domínio patriarcal. Assim, “mulheres se tornaram bens comuns, dado que seu trabalho foi definido como um recurso natural que estava fora da esfera das relações de mercado (FEDERICI, 2017, p. 192)”, ou seja, essa figura passou a ser despida de sua funcionalidade formal produtiva na

dinâmica de mercado para ser reificada de maneira tal que sua força de trabalho fora ocultada⁷.

É o que Marx e Engels (2010) já elucidavam na ideologia alemã ao abordar a divisão do trabalho, o modo desigual em que se estruturava a família pela ótica burguesa, mostrando sua primeira contradição de classe através da sujeição feminina ao masculino através do que denominou “escravidão na família” determinando já a princípio uma objetificação da mulher como propriedade do marido.

Desse modo se edifica o patriarcado⁸, vinculado ao capitalismo numa associação que Mesquita e Monteiro (2015) mostram entre: sistema econômico e sistema sexual, pontuando, também, o marcador de raça. Logo, sua apreensão, deve ser tomada pelo veio dialético, pois foi forjada na história gerando “[...] condições favoráveis para a perpetuação do poder da classe dominante sobre a classe trabalhadora (MESQUITA; MONTEIRO, 2015, p. 122)”.

Seguindo a trilha analítica desse arcabouço ideológico de poder, se faz salutar desvelar seu sustentáculo de dominação, foi o que MacDowell (2000) ponderou através de cinco formas, sendo elas:

- 1) a produção doméstica em que as mulheres realizam o trabalho doméstico no interior de suas casas sem nenhuma remuneração;
- 2) as relações patriarcais no trabalho remunerado em que as mulheres realizam as mesmas funções, mas recebem salários menores;
- 3) as relações patriarcais no plano do Estado em que os homens dominam as instituições e o mundo da política elaborando leis que beneficiam os homens;
- 4) a violência machista em que os homens controlam o corpo da mulher e
- 5) as relações patriarcais existentes nas instituições culturais em que os homens dominam a produção

⁷ É o que ocorre em relação ao trabalho reprodutivo ou do cuidado, o capital se apropria desqualificando sua existência e importância.

⁸ Embora existam dentro dos estudos feministas questionamentos quanto a categoria patriarcado, se considera salutar analisá-lo histórica e dialeticamente como meio de contextualização da opressão da mulher na sociedade capitalista.

cultural da representação das mulheres. (apud MESQUITA; MONTEIRO, 2015, p. 122).

Nesse sentido as autoras lançam luz ao obscurecimento estabelecido pela coisificação imposta pelo sistema, determinando os marcadores que refletem na subordinação da mulher a ideologia patriarcal, e, conseqüentemente, a exploração burguesa, logo, o jugo feminino está imbricado ao desenvolvimento das forças econômicas, escamoteado por um determinismo biológico.

Por certo, analisar a mulher dentro da trilha modelada pela burguesia demanda a compreensão da conexão do processo de acumulação primitiva do capital, não apenas do ponto de vista de um segmento de classe masculino produtor de mercadorias – o proletário-homem-heterossexual, mas, percebendo especificidades da reificação do feminino, notando a partir dessa relação, o surgimento do:

i) desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho; ii) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens; iii) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores. (FEDERICI, 2017, p. 26)

Por tanto, o processo de fetichização da mulher deve ser capturado tanto no que concerne ao âmbito do trabalho produtivo como, do reprodutivo. É importante, antes de mais nada, refletir sobre o que é o trabalho, e seu significado atrelado ao modo capitalista de produção, e, assim, o papel do trabalhador(a), capturando, assim, a lógica que causa o estranhamento do humano, dando lugar a coisificação, que é essa inversão dos papéis sociais.

Trabalho, como caráter ontológico do ser, é um potencializador humano por meio do qual Netto e Braz (2007) analisam através da dimensão

transformadora das mulheres e homens, ao passo que interferem na natureza como proposta de transformá-la para atender suas necessidades de sociabilidade. É ele que permite a interação dos homens e mulheres com a natureza determinando um lugar singular a estes, posto que enquanto seres sociais dotados do que Lukács (1978) denominou de capacidade teleológica, são capazes de, através de um agir consciente e transformador alterar as bases sociais de sua existência e relação com os demais seres, com a natureza.

Todavia, na perspectiva capitalista o trabalho passa a não mais determinar uma interação consciente no seu processo de realização pelos seus sujeitos produtores, sendo algo alheio e irreconhecível que se perde no processo, decorrendo na “[...] atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração (MARX. 2010, p. 83).” Miséria essa que, se dá não apenas no resultado final da produção, mas, que atravessa toda a atividade.

Retomando, a mulher como sujeito explorado por esse modo de produção, se pretende, dentro do nexos alienador do trabalho, ilustrar como a coisificação desse sujeito é particularmente agudizada nesse segmento quando o capitalismo se utiliza de modelos diversos de sexismo e sustentado por estruturas institucionais como o próprio Estado para estabelecer modos de obtenção de lucro pela submissão das mulheres. É o que ocorre com a divisão sexual do trabalho, a qual opera como um fator de subjugação. “Essa divisão segmenta os trabalhos de homens e mulheres e hierarquiza tais trabalhos de forma a subalternizar os considerados naturalmente femininos em relação aos considerados masculinos (CISNE, 2015, p. 117)”.

Essa precarização acarretada no ceio da divisão sexual do trabalho à mulher trabalhadora, se configura tanto as que ocupam postos de trabalho em condições inferiores aos homens, por exemplo no que tange aos salários e

cargos, seja na ocultação do valor material do trabalho reprodutivo⁹ que têm sido forjado por essa lógica gananciosa e sexista como algo dado a natureza feminina, como um tipo de dom inerente a mulher para o cuidado.

Um exemplo que salta aos olhos, é a situação do trabalho doméstico, que vem sendo urdida pelo sistema como uma atividade que não tem valor material como sustentáculo para a produção capitalista, contudo, é imprescindível para reestabelecimento das forças produtivas que geram, diretamente, mais-valia. Outra questão, é, as pessoas que historicamente vêm desempenhando essas atividades são mulheres racializadas, imigrantes, mulheres forjadas por estruturas econômicas violentas para dar engrenagem ao capitalismo, mas sem ser por ele sequer reconhecidas.

Inquestionavelmente a relação mercadológica burguesa que reverbera em uma classe explorada, é composta por antagonismos bem mais profundos que um corpo de trabalhadores tradicionalmente vistos dentro de um padrão como: homem-hetero-cis-branco. Assim, “a maior parte da classe trabalhadora global é constituída de imigrantes, pessoas racializadas, mulheres – tanto cis como trans – e pessoas com diferentes capacidades [...] (Arruzza et aliae, 2019, p. 55)”, as quais são habitualmente abusadas, desfiguradas e invisibilizadas pelo capitalismo.

⁹ “Essa atividade não apenas não apenas cria e mantém a vida no sentido biológico, ela também cria e mantém nossa capacidade de trabalhar – ou o que Marx chamou de “força de trabalho”. E isso significa moldar as pessoas com atitudes, disposições e valores, habilidades, competências e qualificações “certas”. Em resumo, o trabalho de produção de pessoas supre algumas das precondições – materiais, sociais e culturais – fundamentais para a sociedade humana em geral e para a produção capitalista em particular (Arruzza et aliae, 2019, p. 52)”.

4- ASCENSÃO DO CONSERVADORISMO¹⁰/SEXISMO NO BRASIL

A sociedade brasileira vivencia, no tempo presente, um delicado movimento cunhado por processos ideológicos reacionários, acendendo a partir do que Keller(2019) define por “ofensiva do conservadorismo”. Esta tem por intuito último defender o interesse do capital, se materializando a partir de uma forte retomada de valores imbricados a estrutura patriarcal-sexista-racista, a qual faz parte da lógica formadora da consciência social oligarquica brasileira, ou seja, um espectro que sempre espreitou o convívio social do país.

Essas ações, articuladas, têm se manifestado através dos diversos meios de estruturas que perpassam as relações em sociedade, quais sejam, entre outras coisas mais: a mídia; a política de Estado no emaranhado dos seus três poderes (legislativo executivo e judiciário); o furor da irradiação religiosa; o apelo ao tradicionalismo que reveste a moral da instituição familiar heterossexual, todas, dialeticamente, atravessadas pelo ímpeto devastador da ordem capitalista de produção.

Em virtude do exposto, é considerável contextualizar, ainda que brevemente, o dinamismo formador da sociedade brasileira, imersa a ordem do capital, para, dentro desse universal elucidar o particular que nos dias atuais se mostra mediante a ascensão fervorosa da ideologia conservadora.

O Brasil sobrecarrega o traço incisivo do colonialismo em sua formação socioeconômico, a partir desse ponto, Saffioti (2013) analisou esse processo

¹⁰ “No Brasil do início do século XXI, o pensamento conservador se constituiu enquanto um fenômeno situado na história da sociedade capitalista que se manifesta, por duas características centrais: a) a invisibilidade das necessidades do outro, que devem subjugar suas diferenças aos costumes e interesses hegemônicos, já que a desigualdade seria natural e necessária; b) uma forte resistência a mudança que, de alguma forma, representem ameaças às instituições, às tradições e à ordem capitalista (KELLER, 2019, p. 108)”.

como sendo uma consequência da engrenagem do florescente capitalismo europeu, ou, como denominado por Federici (2017) o capitalismo em sua fase de acumulação primitiva, lhe impondo um caráter de país dependente a serviço dos interesses mercantis que ascendiam.

Isso se materializou através do usufruto do Brasil colônia com uma economia escravocrata e de exportação de produtos primários, é o caso das *plantations*. No que tange ao regime de trabalho escravo¹¹ é importante ilustrar sua natureza moderna distinta do quadro antigo, posto que, “o escravo não apenas se constituía numa mercadoria capaz de mobilizar grandes capitais comerciais, como também se transformava num capital fixo, portanto, em meio de produção [...] (SAFFIOTI, 2013, p.206)” destinado atender aos interesses de acumulação capitalista, gerando, assim, mais valor.

Em síntese, entender as particularidades do Brasil requer sua localização na história, sua formação econômica, social, cultural, sua dependência frente aos países capitalistas. É necessário compreender a condição de extermínio dos povos originários que aqui se encontravam quando do início da exploração, bem como, sua ligação dialética a história de subjugação de outros países colonizados, como é o caso marcante dos negros e negras retirados dos seus territórios para serem vendidos com mercadoria pela burguesia crescente e interesseira.

Com essa aligeirada contextualização, se busca, agora, situar a condição da mulher a partir desse cenário, desaguando no panorama mais recente, desmistificando “preconceitos através dos quais a sociedade atual tenta justificar a exclusão da mulher de determinadas tarefas e mantê-la, assim, no exercício

¹¹ Consultar leitura “Marx nas Margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais.” Para maior entendimento do pensamento de Marx acerca do tema escravidão moderna nas *plantations*. (ANDERSON, 2019) pela Boitempo Editora.

exclusivo de seus papéis tradicionais e das ocupações reconhecidamente femininas (SAFFIOTI, 2013, p.230)".

O Brasil permeado por seu preceito escravocrata-senhorial-conservador refletiu no sujeito feminino uma forte marca da ideologia patriarcal, não obstante, se for levado em consideração a situação da mulher branca e da mulher negra, ocorreram distinções, a exemplo do que se mostrou pós abolição, com as marcas do racismo institucional, assim, "[...] a conjugação de racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida (CARNEIRO, 2011, p. 127)".

Esse reflexo opressor do sistema capitalista inerente à mulher negra¹², acentua sua reificação, inclusive, por meio, do que Fernandes (2017) elucidou como "mito da democracia racial" sendo uma forma fetichizada que a sociedade brasileira capitalista/oligarca encontrou para escamotear as consequências do seu modelo colonizador, descriminalizador, excludente, machista e sexista, o qual rebate perversamente no presente na vida desse sujeito. Impondo a esse segmento, pertencente a classe trabalhadora "[...] postos de trabalho considerados pelos especialistas os mais vulneráveis do mercado, ou seja, os trabalhadores sem carteira assinada, os autônomos, os trabalhadores familiares e os empregados domésticos (CARNEIRO, 2011, p.129)".

Carneiro (2011) em análise à condição da mulher negra no Brasil utiliza de forma muito pertinente a expressão "matriarcado da miséria", materializada

¹² A importância da ênfase a condição da mulher negra se mostra pelo fato de que o Brasil é um país que tem como maioria populacional pessoas racializadas, sendo assim, uma reflexão dialética e materialista da história desse povo não pode deixar de ser composta pelos marcadores raça-classe-gênero.

como sua forma de reificação melhor lapidada, que seria o inverso do que faz a ideologia patriarcal dominante que exerce poderio em todas as instituições sociais, sejam elas, políticas, familiares, educacionais, culturais, religiosas, bem como, no mercado de trabalho. Locais esses, estranhados da autentica participação feminina, sendo relegado a esta, uma mera inserção objetificada, não lhes sendo permitida nessa relação um lugar de sujeito, mas, e apenas, mão-de-obra suporte a manutenção da estrutura dominante.

Essa estrutura que determina um lócus de subjugação a mulher, exercendo um domínio de gênero e sexualidade, mas, também, englobando classe e raça se versa “[...] da produção de uma fantasia nacional de masculinidade que opera no seu cerne como branca e colonizadora [...] (FRANÇA, 2019, p. 33)” ademais, violenta e, que se assoma travestida de uma suposta luta pela reconquista da “moral” social e familiar, mas, que impregna em seu âmago um tipo vil de conservadorismo sexista e reacionário “com flertes e fantasias fascistas, como o que deu sustentação ao golpe que retirou a presidenta Dilma em 2016 e fez ascender à presidência em 2018 a torpe figura de Jair Bolsonaro, este justamente amparado pelo movimento do capital internacional, contudo alimentado pelo espectro do conservadorismo¹³ moralista nutrido pelas “injunções econômicas, sociais, políticas, jurídicas e culturais (MASCARO, 2019, p. 32).

Um dos principais fatores que contribuíram para a Ascensão de Bolsonaro à presidência da República nas últimas eleições de 2018 foi a ofensiva conservadora instalada desde o processo de impeachment da Presidente Dilma tendo como principais representantes grupos tradicionais com parlamentares religiosos, a bancada ruralista e a bancada ligada aos militares. Os principais

¹³ Para maior aprofundamento sobre o tema buscar o livro “A ofensiva do conservadorismo” (KELLER, 2019.)

meios utilizados por esses grupos foram o uso das mídias sociais, com uma grande profusão de Fake News contra os candidatos de esquerda, mais precisamente contra Fernando Haddad como forma de desqualificá-lo junto ao eleitorado¹⁴. A ofensiva conservadora com o uso de grupos que difundem fake news contra seus adversários e opositores, principalmente contra a esquerda continuam em plena ação e tem sido alvo de uma comissão Parlamentar Mista de Inquérito – CPMI no Congresso Nacional.

5- A ofensiva conservadora na mídia e seu impacto na sociedade

A ideia de conservadorismo refere-se à defesa da autonomia das instituições, a iniciativa privada e aos valores e costumes compartilhados que favorecem a manutenção da comunidade e, por sua vez a ordem social estabelecida sob esse prisma. E quando se pensa em ordem social, inevitavelmente se deve entender a sua gênese e quais os elementos que constituem sua forma e mais: implica buscar os fatores, valores e ideias que formam essa ordem social.

Uma determinada ordem social implica na forma como os indivíduos se organizam em coletividade e daí criam uma cultura, esta constituída por tudo aquilo que advém da imposição de uma maioria (coletividade) que aprendeu a viver de determinada forma e com isso naturalizaram suas relações seja pela força dos fatores internos, ou mecânicos, conforme entendia Durkheim,¹⁵ fatores esses

¹⁴ A campeã das fake News utilizada pelos grupos pro Bolsonaro foi o chamado kit gay que o próprio TSE chegou a proibir o uso dessa fake News por parte dos bolsonaristas. A Rede Globo também chegou a apresentar uma matéria mostrando a mentira do kit gay, mas o candidato continuou utilizando desse expediente, o qual foi difundido principalmente por meio de grupos de whatsapp. Confira matéria no link: <https://oglobo.globo.com/brasil/livro-citado-por-bolsonaro-no-jornal-nacional-nao-foi-distribuido-em-escola-23021610>. Acesso em 19/02/2018.

¹⁵ Durkheim preconizou que a sociedade se perpetua por meio da solidariedade, que nada mais é que a forma como cada indivíduo colabora e se adequa aquela seja de forma mecânica, quando predomina a tradição e os costumes, seja de forma orgânica, quando predomina a divisão social

que levaram a ser tal como se apresenta a partir da vivência cotidiana de suas necessidades, seja por meio da força imposta como guerras, de escravidão, de ideias incutidas ou outras demandas surgentes.

No caso brasileiro a ordem social conservadora se impõe com a chegada dos portugueses, os quais invadem territórios indígenas, escravizam esses povos originários, dominam pela catequização ou matam os insurgentes. As sesmarias, a Lei de terras, o latifúndio, o surgimento dos velhos coronéis se estabelecem e criam suas instituições, cidades, organizações diversas a serviço da ordem imposta sob o patriarcado.

Tais fatores, sem dúvida, se tornam como que absolutos, pois a partir de então as mulheres são tomadas como meros objetos, coisificados e a heterossexualidade como norma padrão a serviço da necessidade da manutenção e perpetuação do domínio masculino. Este, por sua vez é “abençoado” pela Santa Madre Igreja.

Agora sim, podemos entender o que é ordem social e como o modelo patriarcal estabelecido no Brasil se mantém às custas de ações vilipendiosas e a serviço do poder do macho preconizado como deus. Para tanto, a instituição família, erigida sob esse prisma, surge como necessidade inerente à ordem patriarcal. Conforme destaca Cisne, (2018, p. 93) citando Waters (1979, p. 88) *a família patriarcal realiza o papel ideológico na difusão do conservadorismo ao ensinar as crianças desde a infância que devem aceitar as estruturas e premissas básicas da sociedade de classes*. A autora lembra ainda, concordando com Waters (1970) que o Estado tem na família um pilar indispensável para sua perpetuação.

do trabalho. Confira mais em DURKHEIM, Émile. As regras do Método Sociológico. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1983.

Assim se erige o conservadorismo e junto a este o medo de suas bases serem rompidas pela dinâmica social.

O conservadorismo no Brasil está diretamente relacionado a sua formação desde o período colonial, quando o país foi invadido por portugueses e aqui se estabeleceram sob o prisma da evangelização como pano de fundo para a exploração de suas riquezas. Com isso, desde os primeiros momentos de sua colonização e seu desenvolvimento o Brasil carrega uma formação conservadora baseada em valores cristãos a partir do homem branco europeu instituído como um deus.

Assim se instauram as instituições sociais moldadas sob a ótica do patriarcado e da superioridade do homem para o qual a mulher deve estar à sua disposição; além disso, a cultura dos povos originários e depois dos negros que aqui foram trazidos forçados e da forma mais cruel possível, era vista (e ainda é até hoje) como atrasada e até mesmo demonizada, o que fazia parte da estratégia de dominação instituída pelos colonizadores.

Esse conservadorismo se mantém até a atualidade, mas, para tanto, se serve de mecanismos institucionais como: igreja, educação, Estado, família, mercado; e hoje mais do que nunca por meio das diversas mídias para assim propagar sua narrativa e inculcar suas ideias.

Na mídia a ofensiva conservadora se alimenta do individualismo, da ignorância da maioria para a profusão não só dos seus valores e de seu modo de pensar o mundo (sua ideologia) mas, principalmente das mais diversas formas abjetas usadas para a desqualificação do outro considerado inimigo; visam a destruição de reputações por meio de mentiras (fake News), utilizando de variados recursos e ferramentas como as redes sociais (whatsapp, twitter,

Facebook, Instagram, além de jornais impressos e onlines e outras formas mais sofisticadas, como até mesmo o cinema, a televisão o rádio, outdoors, entre outros. Praticam os chamados assassinatos virtuais. Tudo isso não seria possível sem a cobertura institucional, como até mesmo do sistema judiciário e do uso do parlamento para a perpetuação de mensagens e ideias no sentido de tornar verossímil a narrativa construída para confundir os incautos.

No que diz respeito à mulher, a ofensiva conservadora se mostra cada vez mais perversa e baseada no imaginário heterossexista, patriarcal, heteronormativo e misógino para atacar mulheres e ativistas ou profissionais que por algum motivo se tornem inconvenientes às suas ideias e ações, ou até mesmo quando abordados sobre algum tema que não é de interesses dos indivíduos, grupos ou instituições conservadoras.

Quando isso acontece costumam agredir verbalmente com insinuações, quando não com ataques diretos e indiretos por meio das mídias. Tal postura tem se tornado norma padrão para desviar a atenção da maioria e assim deixando sua marca indelével de autoritarismo e de conservadorismo se utilizando de expedientes, de práticas e de ações abjetas e maldosas.

O expediente utilizado se baseia no imaginário machista, heteronormativo e misógino típico dos fundamentos do patriarcalismo instituído na sociedade brasileira desde a sua formação, o qual coloca a mulher como segundo sexo, incapaz de autonomia e como objeto a serviço do homem tido como superior na ordem conservadora ainda vigente no país .

A estratégia de desqualificar e de humilhar é típica de pessoas hipócritas as quais se utilizam de artifícios vis para imporem suas posições e ideias. Tal fato levado à baila pelo representante máximo da nação deveria ser tido como uma

vergonha para as instituições brasileiras, todavia, embora com o descontentamento tenha se mostrado, até mesmo por causa da difusão da notícia nas redes sociais por parte da esquerda e da oposição, este fato que deveria ser objeto para ação de impeachment do Presidente tem sido na verdade normatizado por parte da maioria dos representantes das instituições; isto se dá devido ao caráter conservador e machista que se perpetua alimentado pelos mesmo indivíduos pertencentes a elite mesquinha e ignóbil que se formou no país desde os seus primórdios.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o processo da reificação da mulher no Brasil é parte de uma trama histórica que atravessa a particularidade de sua formação social e econômico, indissociada da totalidade do movimento do modo capitalista de produção, o qual vincula-se primordialmente a dominação por vias de acumulação e lucro, fazendo uso, assim, da exploração da classe trabalhadora para alcançar esse fim.

Outro ponto salutar em questão, é, mesmo diante do paradigma que materializa o capital, suas relações são perpassadas por especificidades diversas, que no caso brasileiro inclui a interseccionalidade de classe-raça-gênero, sendo inviável qualquer reflexão que envolva o sujeito feminino nessa sociedade, sem fitar os desdobramentos que enovelam essas conexões.

Apreender essas conexões é base necessária para se aproximar da dinâmica material e dialética que compõe a cena histórica atual, dito de outra maneira, capturar o jogo de relações que envolvem a sociedade, o Estado e a ordem capitalista, pois, este se faz revestido de ideologia alienadora, e, assim,

sabendo que a ideologia não é um processo que se faz sem a imposição do domínio da consciência dos sujeitos, como ocorre com a imposição e ascensão conservadora que se inflige como tradição e resistência para opressão.

No caso da reificação feminina que está ligada ao movimento do capital, este se utiliza de todo o seu aporte ideológico, como é o caso da naturalização da tradição, dos costumes conservadores, da manutenção de uma estrutura patriarcal-racista-sexista para exercer domínio do segmento feminino tanto no seu processo produtivo, quanto reprodutivo. Sendo a ofensiva conservadora uma arma extremamente importante nesse processo de repressão, pois, isolando esse segmento de classe estabelece um estranhamento ainda mais visceral entre toda a classe trabalhadora. É o que Saffioti (2013) ratifica ao expor que quando se mistifica o segmento de classe feminino, indubitavelmente se mistifica a camada masculina, afinal, são seres complementares.

No que diz respeito a ofensiva conservadora, esta continua com todo vigor, especialmente com o uso das redes sociais espalhando mentiras contra pessoas e grupos questionadores da ordem vigente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. D. DE; BRANDÃO, B. M. P. Participação e inserção social: protagonismo da mulher negra em canais do YouTube. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 630-654, 1 jan. 2018.
- ANDERSON, Kevin B. **Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99% Um Manifesto**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BARGAS, J.; CAL, D. G. R. LUTA POR RECONHECIMENTO, IDENTIDADES E RELAÇÕES DE PODER: as mulheres no movimento quilombola. **Revista Observatório**, v. 4, n. 6, p. 475-505, 8 out. 2018.

BERTI, O. M. DE C. EXTENSÃO E QUESTÕES COMUNICACIONAIS SOCIAIS: o caso do curso de Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas da Universidade Estadual do Piauí. **Revista Observatório**, v. 5, n. 4, p. 258-279, 1 jul. 2019.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BRAZ, Marcelo; NETTO José Paulo. **Economia Política: uma introdução crítica**. 3 ed. São Paulo, Cortez, 2007.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Consciência em Debate, 2011.

CARVALHO, M. S. F.; DE CARVALHO, C. P. DISCURSOS SOBRE A MULHER NO WEBJORNALISMO PIAUIENSE: análise crítica das notícias dos portais Cidade Verde e G1/PI. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 779-802, 1 jan. 2018.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 2. ed. São Paulo: outras expressões, 2015.

DANTAS, F. A.; RUBIM, L. O. TCHAU QUERIDA: Questões de gênero na cobertura da mídia sobre o governo Dilma. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 466-491, 1 jan. 2018.

DURKHEIM, Emile. **As regras do Método Sociológico**. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1983.

Editora, 2018.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

FRANÇA, Isadora Lins. Gênero e sexualidade: ascensão conservadora e fantasias masculinas de poder no Brasil. **Margem esquerda**. São Paulo, v. 33, n. 33, p. 45-52, out./2019.

GATTO, Y. R.; SOARES, M. C. A MULHER COMO ALGOZ DE SEU PRÓPRIO CRIME: enquadramento das notícias do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 517-543, 1 jan. 2018.

GONZALES, L. DOS S. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER CONTEMPORÂNEA NA PUBLICIDADE: os jovens ditam as novas tendências. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 544-568, 1 jan. 2018.

GREGOLI, R. DE PERNAS PRO AR: uma revolução confinada ao quarto. **Revista Observatório**, v. 3, n. 1, p. 131-160, 30 mar. 2017.

GUIMARÃES, M.; MENDES, E. OS IMAGINÁRIOS SOBRE A MULHER NA PUBLICIDADE: a marca Nike. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 569-598, 1 jan. 2018.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem: do feudalismo ao século XXI**. 22. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul De. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

JOHNSON, T. S. P.; FARNESE, P. A.; RIBEIRO, M. X. APROPRIAÇÕES MIDIÁTICAS DO FEMINISMO NEGRO NA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA. **Revista Observatório**, v. 3, n. 1, p. 205-232, 30 mar. 2017.

KALIL, I. R.; RODRIGUES, A. A. MÃES NA MÍDIA: Os discursos sociais sobre maternidade na cobertura dos 'mamaços' no Brasil. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 655-680, 1 jan. 2018.

KELLER, S. B. A. **A ofensiva do conservadorismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.

KLEIN, K. B.; PARENTE, T. G. DO BEM-ESTAR AO ADOECIMENTO: O impacto do assédio moral para as mulheres no Brasil. **Revista Observatório**, v. 3, n. 5, p. 582-605, 1 ago. 2017.

KOSÍK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, Georg. **As bases ontológicas da atividade humana**. Temas, São Paulo: Editora Ciências Humanas, n. 4, 1978.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: Feuerbach - a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista**. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 4. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital: livro I**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **O Capital: livro III**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MASCARO, Alysso Leandro. Dinâmica da crise e do golpe: de Temer a Bolsonaro. **Margem Esquerda**, São Paulo, v. 32, n. 32, p. 25, ago./2019.

MONTEIRO, A. P; MONTEIRO, M. O. S. O arquétipo viril e o projeto ético-político: Alguns desafios para o Serviço Social. **Revista Feminismos**. v. 3, n. 2, dez.2015.

NETTO, José Paulo; **O leitor de Marx**: subtítulo do livro. Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3. ed. são paulo: expressão popular, 2013.

SILVA, J. N. DA. A CULPA É DA MULHER: O Anticristo, de Lars von Trier. **Revista Observatório**, v. 2, n. 3, p. 43-61, 31 ago. 2016.

SOARES, I. R. M. F.; MALCHER, M. A. MACHO NA RODA: enfrentamento à violência contra a mulher por meio do ciberfeminismo em Belém-PA. **Revista Observatório**, v. 3, n. 5, p. 357-379, 1 ago. 2017.

THURLER, A. L. FEMINICÍDIOS NA MÍDIA E DESUMANIZAÇÃO DAS MULHERES. **Revista Observatório**, v. 3, n. 6, p. 465-496, 1 out. 2017.

VELOSO, A. M. C.; VASCONCELOS, F. M. DE; FERREIRA, L. AS DUAS FACES DO SEXISMO NA MÍDIA: como Marcela Temer e Dilma Rousseff (PT) são retratadas pela Veja e IstoÉ. **Revista Observatório**, v. 3, n. 1, p. 58-83, 30 mar. 2017.